

## 2

# GUERRA PSICOLÓGICA NOS NOVOS TIPOS DE GUERRA

*Prof Darc Costa*

---

### RESUMO

O artigo apresenta as formas e meios do uso de operações psicológicas vocacionadas para os novos tipos de guerra, que surgiram no século XXI e destinadas a alteração de imaginários, para a imposição de vontades.

### PALAVRAS-CHAVE

*Estratégia, Poder, Guerra Assimétrica, Guerra Híbrida, Operações Psicológicas e Informativas.*

### ABSTRACT

The article presents the forms and means of the use of psychological operations directed to the new types of war, which arose in the 21st century and destined to the change of imaginaries, for the imposition of wills.

### KEYWORDS:

*Strategy, Power, War, Asymmetric, Hybrid, Operations, Psychological and Informative.*

### Introdução

A concepção de que havia uma revolução se processando em assuntos militares (RAM) capturou o centro das discussões que se processavam nos debates sobre temas estratégicos, nos EUA, logo após a guerra fria e durante vinte anos. A RAM tinha se colocado, entre 1989 e 2009, para os norte-americanos, no fulcro das suas discussões sobre a segurança nacional e das suas necessidades militares.

Havia, nesta época, muitas discordâncias entre os teóricos, quanto à afirmação que efetivamente se processava uma revolução em assuntos militares, sendo que muitos viam, como nós, neste discurso, apenas uma nova maneira para se enfocar o tema bélico. Contudo, há uma concordância nos estudos estratégicos hodiernos, no que diz respeito ao aparecimento de novas causas de insegurança no cenário internacional, decorrentes de novo tipo de guerra, que se expressaram, claramente, nas duas últimas décadas, com suas ações e seus atentados e que nomeamos, a exemplo de outros, como novos tipos de guerra: a assimétrica e a híbrida.

Sobre a existência deste tipo de guerra assimétrica há grande concordância dos chineses aos norte-americanos. Merecem destaques nas análises que fazem deste novo tipo de fenômeno político e social, pelos chineses, os Coronéis QiaoLiang e Wang Xiangsui, do Exército Popular de

Libertação da China (que lançaram, em 1998, um livro, sobre este tema, intitulado Guerra Irrestrita), e pelos norte-americanos, em artigos publicados, dentre outros, por Steven Metz (artigo publicado na *MilitaryReview*, Jul/Aug 2001) e Winn Schwartau, (artigo publicado na *ORBIS*, Spring 2000, Findarticles). Estes artigos balizaram as discussões que se processaram, desde então, sobre este tema.

Em paralelo, a esta visão, desde o término da Guerra do Vietnã, um conjunto de estrategistas norte-americanos concluíram que os Estados Unidos haviam sido derrotados, naquela guerra, pela conjugação de técnicas de guerra convencional com ações de guerra irregular, algo que só podiam explicar pela coesão da sociedade vietnamita. Desde então, eles tem se dedicado ao estudo de mecanismos de construção de um novo tipo de guerra, que alguns especialistas nomeiam como guerra híbrida e que objetiva a destruição da coesão de sociedades nacionais e o surgimento de Estados falidos.

Os novos tipos guerra, portanto, são a assimétrica e a híbrida. Nós, brasileiros, temos de olhar estes novos tipos de guerra, pois, podemos nos ver ora, como pedra, ora, como vidraça. Foi dentro desta ótica de uma visão dual, que envolve estes dois novos tipos de guerra: a assimétrica e a híbrida, que estamos fazendo esta apresentação sobre os temas, para promovê-los e para colocá-los no centro do debate das questões estratégicas no Brasil. News nas redes sociais, particularmente nas mídias.

## **ESTRATÉGIA, PODER E GUERRA**

Cabe, aqui breves digressões. Antes de analisar o fenômeno da guerra é interessante fazer algumas considerações sobre política, estratégia e poder. Política, estratégia e poder estão sempre conjugados em qualquer ação humana. A política é a arte de estabelecer objetivos. A estratégia é a arte de se empregar o poder para se alcançar os objetivos colocados pela política. O poder é a conjugação dos meios

que se dispõe para se atingir os objetivos.

O poder não é senão uma forte influência. Uma influência tão vigorosa, que aquele sobre o qual ela se aplica comporta-se da maneira desejada por quem a aplicou. Uma demonstração de poder visa convencer aos adversários, de não ser possível eles impedirem, àquele que o demonstrou, de alcançar seus objetivos. O poder nacional exerce sua influência pelo conjunto integrado de meios de toda ordem de que dispõem a nação, acionados pela vontade nacional para conquistar e manter os objetivos nacionais. O conceito se refere ao conjunto completo de ferramentas à disposição, bem como à seleção da ferramenta ou da combinação de ferramentas adequadas para cada situação, quais sejam: a de meios diplomáticos, militares, políticos, jurídicos, econômicos e psicossociais.

Hoje, quando se fala de estratégia de guerra, deve-se destacar que esta não é vista como era antigamente, somente como a arte de empregar forças militares para se alcançar um determinado objetivo estabelecido pela política. Segundo o conceito moderno, a estratégia de guerra é muito mais a arte de empregar o poder como tal, seja como força, seja como influência de qualquer outro tipo, para se atingir objetivos políticos. Quando há um choque de vontades, a arte de impor uma das vontades se traduz em uma estratégia de guerra.

A estratégia militar é necessariamente uma estratégia de guerra e quando há o emprego de violência, isto é, de meios bélicos, um dos meios específicos do poder. A estratégia militar caracteriza-se pelo recurso à violência para impor uma vontade ao inimigo.

Mas, a melhor arte da guerra como estratégia consiste em alcançar um objetivo político sem se recorrer ao emprego da violência. Isto pode ser conseguido através de uma demonstração de poder econômico, financeiro ou de uma exclusiva demonstração de poder militar. A estratégia

de guerra é, então, uma estratégia de dissuasão. Nesta, não há o emprego da força, somente a ameaça do uso da força.

Ou, também pode ser conseguida mediante o enfraquecimento progressivo da visão de objetivo político do adversário. Isto pode ser feito sem o emprego da força militar, mas pelo emprego do poder, através da estratégia do uso de operações psicoinformativas - Opsinf - (que serão explicadas adiante) e instrumentos midiáticos no interior do adversário. A criação de um caos na ordenação das metas políticas do oponente pode ser o resultado estratégico de um desses novos tipos de guerra.

A estratégia de guerra, a partir da qual a demonstração de poder é intensificada até o emprego real da força é a estratégia militar. A estratégia militar sempre é uma possível forma de aplicação da estratégia de guerra. Na verdade, a estratégia militar deve ser vista como a última forma do emprego da estratégia de guerra, posto que é a forma resultante do emprego do poder militar. Ela se caracteriza pelo emprego da violência, quando o sucesso desejado não pode ser alcançado através de outros meios.

A estratégia da guerra, em muitos casos, leva a estratégia militar a tentar atingir seus objetivos mediante uma confrontação direta e imediata de forças oponentes. Neste caso, temos a estratégia de ação direta, onde se busca uma grande batalha decisiva, na qual o objetivo é destruir a parte essencial das forças adversárias, através de alguns golpes potentes.

Outras vezes, a estratégia da guerra levará a estratégia militar a procurar vencer, pela manobra, um adversário, usando o espaço e o tempo e evitando o confronto direto com a força principal do inimigo, ou com as forças oponentes. Esta forma é conhecida como estratégia de ação indireta e busca desorientar o adversário, atraindo-o para uma posição mais desfavorável. Sem se engajar na batalha

principal, procura desgastá-lo, progressivamente, de tal forma, que no final da guerra, ele estará exaurido. Na estratégia da ação indireta, o adversário não é decididamente derrotado, mas é vencido pela manobra.

## **Guerra**

A guerra é uma forma de fazer política, ou pelo menos um meio de fazer política, já que, na verdade, a guerra é a luta pelo poder. Guerra é o estado em que vivem aqueles que lutam. Na guerra, ambos os lados buscam impor uma vontade e uma paz da sua conveniência.

O recurso à violência na busca ao poder é o que tem caracterizado o conceito de guerra. Contudo, a guerra é um fenômeno muito mais abrangente que o conflito armado. Guerra só existe se houver choque de vontades, tem que haver uma dialética de vontades. Entretanto, uma vontade não necessita, obrigatoriamente, de se explicitar formalmente.

Influir psicologicamente não é apenas determinante no conflito político, mas, também, o é na guerra, que é, fundamentalmente, uma batalha pela alma e pela vontade do adversário. A guerra não deve ser vista como a conquista do terreno ou de determinadas posições. Aposar-se do terreno e conquistar certas posições são apenas instrumentos para se estruturarem de forma prevalente os desejos expressos na vontade de alguém sobre a vontade do outrem. Enquanto esse objetivo não for atingido, a guerra não será vencida. Repetindo, o que importa são os desejos expressos na vontade de alguém sobre a vontade do outrem.

## **Tipos de Guerra**

Até o século XVIII, era claro como a guerra se processava: a guerra ocorria entre dois ou mais estados nacionais, representados por duas ou mais casas reais e normalmente eram conduzidas através de exércitos de mercenários. Mas, isto mudou muito, em especial nos últimos duzentos

anos. Hoje, não se pode prever com certeza como se dará uma guerra em um determinado espaço e em um dado tempo. Reconhecem-se, hoje, cinco tipos diferentes de guerra, a saber:

1. a guerra convencional;
2. a guerra de destruição em massa;
3. a guerra irregular;
4. a guerra assimétrica e
5. a guerra híbrida.

Nos estudos estratégicos, todos os diferentes tipos de guerra devem ser analisados. Ainda mais, pelo fato de que, hoje, em um conflito, não é mais possível admitir no seu desenrolar a existência de um só tipo de guerra. Todas as considerações estratégicas, bem como todas as possibilidades de defesa ao ataque do inimigo, devem acolher dos estudiosos em estratégia, mentalmente, a possibilidade dos vários tipos de guerra.

Não se deve confundir tipo de guerra com forma de guerra

### **Formas de Guerra**

As formas de guerra são:

1. guerra com armamento usual;
2. guerra psicológica;
3. guerra econômica;
4. guerra radiológica, nuclear ou radioativa;
5. guerra biológica, bacteriológica ou virótica;
6. guerra cibernética, eletrônica ou informática; e
7. guerra química.

É a seguinte a explicação de cada forma de guerra:

**Guerra com Armamento Usual;** A forma de guerra usual é aquela que é feita empregando-se armas brancas, de fogo e explosivos convencionais.

**Guerra Radiológica.** A forma de guerra radiológica é aquela que é feita mediante o emprego de materiais físicos. Podem ser radioativas, pelo emprego de materiais radioativos ou, nucleares mediante o emprego de artefatos nucleares.

**Guerra Biológica.** A forma de guerra biológica é aquela que é feita mediante o emprego de agentes patológicos. Pode ser bacteriológica ou virótica.

**Guerra Cibernética.** A forma de guerra cibernética é aquela que é feita mediante o emprego de equipamentos e máquinas centradas basicamente em informação e energia.

**Guerra Química.** A forma de guerra química é aquela que é feita pelo emprego de agentes químicos.

**Guerra Econômica.** A forma de guerra econômica não é assim classificada por muitos puristas que a nomeiam como um conjunto de agressões econômicas, já que entendem que a guerra é um fenômeno que necessariamente implica em uma ação física violenta. Contudo, a guerra é um fenômeno decorrente do choque de vontades, em que as vontades se pretendem afirmar com o uso dos meios que dispõem o que necessariamente implica em agressões. Agressões que podem não ser físicas. Agressões que podem ser psicológicas e econômicas. Guerra da forma econômica é toda aquela decorrente de uma agressão de natureza econômica. Suas formas mais usuais são agressões financeiras dirigidas a moedas, tidos, agora, como ataques especulativos e que podem desestabilizar a economia de um país, ou, agressões comerciais decorrentes da ação do poder econômico para abrir ou para

fechar mercados ou para controlar fluxos de recursos. Guerra da forma econômica tem sido usualmente praticada no final do século XX e no início do século XXI, sob o manto da paz e do discurso da estabilidade.

**Guerra Psicológica.** Das formas citadas, a que é menos entendida é a forma de guerra psicológica. Uma guerra psicológica pode estar sendo travada sob um aparente discurso de paz. Ela é uma forma de guerra que aparentemente não mata, não aleija, não machuca fisicamente. Contudo seu poder destrutivo pode ser imenso. Pode colonizar, pode subordinar, pode escravizar. É uma forma que quando vem sozinha é a expressão virtual da guerra. Mas se há uma guerra real ela estará sempre presente.

Em tempos recentes, em decorrência da influência do longo período da guerra fria, o estudo da guerra foi concentrado na teoria das guerras de destruição em massa. A imagem bélica da guerra de destruição em massa, em especial sua vertente nuclear, requereu diferentes planejamentos estratégicos, diferentes armamentos, diferentes organizações de unidade, e finalmente, o que não é menos importante, um diferente treinamento dos oficiais e de suas unidades, algo que normalmente manteve relação direta com os padrões convencionais. Assim, também, se passa com todos os demais tipos de guerra, inclusive para estes recentes tipos que surgiram, a guerra assimétrica e híbrida.

Contudo, hoje, está claro que a guerra de destruição em massa parece ser a mais improvável das futuras guerras. Na verdade, a sua possibilidade nuclear, demonstrada em Hiroshima e Nagasaki, diferentemente do que muitos pensavam, não acabou com a guerra. Enfatizou outros tipos ou ensejou novos tipos de guerras. Só as transferiu para outros espaços de concepção e de realização. Como a guerra nuclear tornou-se, de certa forma, impensável, a humanidade transferiu seus conflitos armados para as sarjetas, para as cavernas e para as florestas. A maioria dos conflitos após a Segunda Grande Guerra foi

de conflitos armados deste tipo, foram guerras irregulares. A guerra irregular foi progressivamente tomando o lugar das guerras convencionais. Contudo, as experiências em guerra convencional têm pouca aplicabilidade na guerra irregular. Recentemente, foram feitos estudos teóricos importantes referentes à guerra irregular, já que esta foi uma forma conhecida desde a época de Napoleão e que se tornou usual tipo de guerra pós Segunda Grande Guerra. Daí a motivação para o estudo que foi desenvolvido, nos últimos trinta anos, deste tipo de guerra.

## A GUERRA ASSIMÉTRICA

Após os atentados de onze de setembro, surgiu, contudo, um novo tipo de guerra, que figurava, exclusivamente, no plano das hipóteses, a guerra assimétrica, que nada mais é que uma guerra irregular travada no espaço mundial. Voltemos à tese do conceito moderno - a estratégia de guerra é muito mais a arte de empregar o poder como tal, seja como força, seja como influência de qualquer outro tipo, para se atingir objetivos políticos. Guerra assimétrica, talvez pudesse ser definida, como foi dito, de guerra irregular em escala mundial, ou como a guerra irregular, que não se cinge a um espaço nacional.

Alguns preferem conceituar a guerra assimétrica como guerra irrestrita. A adjetivação assimétrica nos parece mais apropriada que irrestrita, pois assimétrica conceitua melhor, em nossa opinião, a guerra que é composta, entre outras, das seguintes assimetrias;

De um lado:

Assimetria de poder econômico e financeiro, muitos recursos versus poucos;

Assimetria de capacidade bélica, relativa e absoluta;

Assimetria de estruturação organizacional, hierarquia versus rede;

e entre outras, das seguintes

assimetrias, do outro lado:

Assimetria de objetivação, quase número infinito de alvos versus poucos para o adversário;

Assimetria de resultados, indiferença de resultados no curto e médio prazo contra a necessidade de resultados expressivos do adversário no curto prazo; e,

Assimetria comportamental, não sujeito a nenhuma regra, inclusive admitindo o suicídio na ação versus o adversário preso a regras e as convenções;

A guerra assimétrica, assim como a guerra irregular, é, devido a sua natureza, a guerra dos fracos contra os fortes, a guerra dos pobres contra os ricos. Como mostraremos a guerra irregular e os novos tipos de guerra; híbrida e a assimétrica, são fundamentalmente guerras de desgaste.

Contudo, isto não as coloca obrigatoriamente como guerras defensivas. Se elas forem guerras revolucionárias elas conseguem serem ofensivas. Tanto a guerra assimétrica como a guerra irregular não são apenas guerra nas sombras, elas são guerra na paz.

Só se será efetivo na condução de uma guerra assimétrica se ela for efetivamente empreendida como se fosse uma guerra irregular em escala mundial. Como veremos, o mesmo se processa como uma guerra híbrida, mas que se faz em um espaço restrito, que, também, em algum momento, adota as características de uma guerra irregular e aí a questão se traduzirá numa maior determinação e numa melhor delimitação de objetivos.

## **A GUERRA HÍBRIDA**

Seguindo o conceito moderno, a estratégia de guerra é muito mais a arte de empregar o poder como tal, seja como força, seja como influência de qualquer outro tipo, para se atingir objetivos políticos. A Guerra Híbrida é o emprego do poder através de um conjunto de

intervenções de toda ordem preparada sobre um Estado Nacional, para exercer um fim fundamentalmente político. Ou qualquer tipo de agressão organizada que procura causar dano a um Estado Nacional, buscando desestruturá-lo, transformando-o em um estado falido, com o fim de apropriar-se de seu território, e/ou de seu imaginário coletivo, e/ou de seus recursos.

Pode-se considerar que a guerra híbrida é um conflito no qual todos os agressores, exploram todos os modos de guerra, simultaneamente, empregando armas convencionais avançadas, táticas irregulares, tecnologias agressivas, terrorismo e criminalidade, visando desestabilizar a ordem vigente em um Estado Nacional.

Para muitos autores, a primeira ação da guerra híbrida se processa por um movimento que denominam de revolução colorida. Este movimento se caracteriza por manifestações que se utilizam de resistências não violenta ao governo de um Estado Nacional, pelo menos no que dizem seus militantes. Apresenta-se através de um discurso democratizante, liberalizante, quase anárquico e é apoiada por ONGs, entes do mercado, agencias de inteligência externas e mídia.

Essas revoluções apareceram no final do século passado no leste europeu nos países que faziam parte do bloco soviético e a partir da virada do milênio, aconteceram também nesses espaços já com democracias recentes, buscando a derrubada de governos pró-Rússia e a ascensão de grupos ou partidos políticos pró-EUA. Alguns autores consideram que tais revoluções foram patrocinadas diretamente pelos Estados Unidos, enquanto outros defendem que isso só foi possível devido à existência de movimentos de oposição locais ou nacionais.

Muitos autores usam, também, como exemplos de revolução colorida as manifestações que se processaram no Oriente Próximo e no Leste Europeu que antecederam as tentativas de troca de

governos nestes espaços.

Acontece que muitas vezes a guerra híbrida encontra o Estado Nacional praticamente hibernado em um período de comodidade ou acomodação. Cômico ou irrefletidamente sabe-se o que precisa ser feito e alterado, mas falta força de vontade ou capacidade de gestão. Então surge a figura do caos, da desestabilização e a desagregação da máquina do Estado, e como o caos leva a imprevisibilidade, muitas vezes não conseguimos perceber precisamente o que ele nos traz, fazendo com que a dúvida e a insegurança dominem todas as ações e a capacidade de reagir.

Entende-se o que se busca numa guerra híbrida é a criação do caos no território inimigo. Sobre o caos há uma teoria, a teoria do caos que estabelece que fatores insignificantes, distantes, podem, eventualmente, produzir resultados catastróficos imprevisíveis e absolutamente desconhecidos no futuro. Tais eventos levariam o adversário a se defrontar com desdobramentos imprevisíveis e a perdas dos monopólios de gestão intrínsecos a um Estado Nacional.

Alguns autores divulgam que a Guerra Híbrida, para a conquista do Poder, pode ser interpretada como a militarização da teoria do caos. É bom colocar que o caos está sempre presente em convulsões políticas, em transformações econômicas e na modificação de costumes e regras morais.

### **SIMILARIDADE**

Os novos tipos de guerra não têm começo. Só historicamente é que se define o tempo da guerra. Tem aí total similaridade com a guerra irregular. Os envolvidos nessas guerras têm um interesse notório em prolongar um falso período de paz, antes da definição explícita de seu início. A mobilização exige muito tempo. Ambas, devem ser vistas como o combate em sua totalidade, tendo sempre como atributos tanto a longa duração quanto a baixa intensidade.

Nos novos tipos de guerra, tanto a assimétrica como a híbrida, a exemplo da guerra irregular, não deve haver uma distinção tão objetiva, como existe em outros tipos de guerra, entre civil e militar, entre armas e não armas, entre espaço de guerra e espaço de paz. Uma guerra do novo tipo é uma guerra sem delineamento definido. É uma guerra de várias facetas. O novo tipo de guerra é uma guerra em que não se combate e, sim, se vive.

### **REBELIÃO E REVOLUÇÃO**

Toda a guerra busca objetivos políticos. O recurso à violência na busca do poder, como vimos, caracteriza a estratégia militar. Contudo, a definição clara de um tipo de guerra é muito difícil. Mas, tanto a guerra irregular quanto os novos tipos de guerra se inserem no contexto de uma rebelião ou de uma revolução.

Rebelião difere de revolução.

Revolução se dirige a certo objetivo, enquanto que rebelião se refere a certo comportamento. Existem revoluções, sem rebelião, e rebeliões, sem revolução. Revolução une credo, vontade, decisão e ação na política e buscam a mudança integral na ordem, seja ela política, social e ou econômica.

Rebelião busca a fuga a uma dominação. A perda na fórmula política pode conduzir a uma revolução ou esta pode decorrer da inexistência de desenvolvimento econômico e social. Todavia, rebelião sempre está relacionada à tensão que deriva da percepção de que há uma privação na sociedade de bens e serviços econômicos, ou de prestígio social e ou de poder político. Expectativas religiosas ou de caráter nacional que não são correspondidas também podem dar lastro a uma rebelião.

Os novos tipos de guerra assim como a guerra irregular não se dão clara e necessariamente no mesmo contexto de uma guerra convencional. Diferentemente da guerra irregular que é normalmente

revolucionária, nos dois novos tipos de guerra, tanto rebelião quanto revolução não se separam de forma nítida. Na guerra assimétrica como na guerra híbrida, revolução e rebelião apresentam sempre uma vinculação direta. Comportamento e objetivo caminham juntos.

### A NOVIDADE

A teoria de guerra de destruição em massa e a teoria da guerra irregular ajudam à compreensão do novo fenômeno sociológico e político dos novos tipos de guerra. Contudo, ambos os tipos, tanto o de destruição de massa quanto o irregular necessitaram, diferentemente da teoria da guerra convencional, na sua elaboração de teorias, de esboços mentais, pelo fato de não existirem experimentações em número suficiente para dar base às suas formulações empíricas. O mesmo se dá agora com os novos tipos de guerra. Apesar das contradições, entre a guerra de destruição em massa e os novos tipos de guerra, em muitos aspectos, submetidas a uma forte tensão dialética, tanto em sucessão no tempo, quanto em desenvolvimento territorial; elas, apesar disto, detêm um notável paralelismo. Ambas trazem a procura do efeito de imobilização que procuram exercer sobre as forças convencionais do adversário.

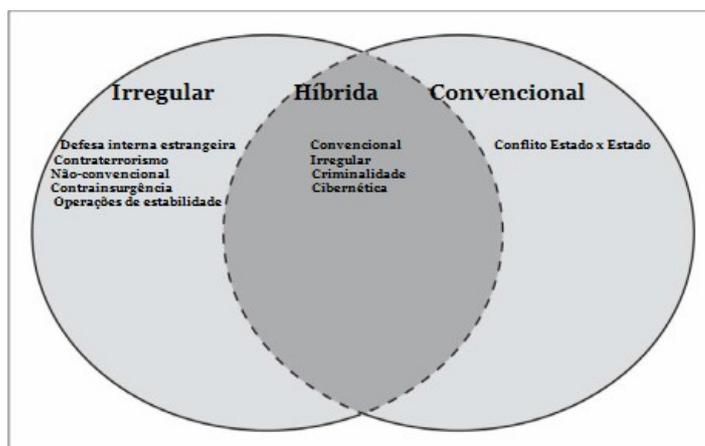
Os novos tipos de guerra também podem vir a anular a distância entre países grandes e pequenos. Um país como a Coreia do Norte, se provido de armas de destruição em massa, pode se colocar tão forte como a Rússia ou a China. Se tiver vontade e capacidade de conduzir uma guerra híbrida ou assimétrica, um pequeno país pode vir a se contrapor com razoável êxito contra a pretensa múltipla superioridade de uma potência. Um caçador de feras, munido de fuzil de alta precisão e de mira telescópica, pode ser abatido, se quiser atirar numa colmeia, pelo ataque de um enxame de abelhas. Basta a estas abelhas o buscarem de forma coordenada e objetiva.

O que distingue a guerra irregular dos

tipos novos de guerra é a periodicidade de seus atos e o teatro de operações em que ambas se desenvolvem. Enquanto a guerra irregular é travada mediante ações continuadas contra o poder constituído de um determinado país, com fundamentos políticos e com objetivos que vão ficando mais claros na medida em que ela avança, a guerra assimétrica se dá por ações mais espaçadas e no plano internacional, assim como a guerra híbrida, sendo que esta, contudo, se dirige, especificamente, a uma nação.

Já a figura adiante explica a conexão entre guerra irregular e convencional levando a guerra híbrida:

### Diagrama de Venn explicativo da Guerra Híbrida



Source: GAO analysis of DOD military concept and briefing documents and academic writings.

### OBJETIVO

Como já vimos, o objetivo da guerra é impor uma vontade. De forma mais clara, o objetivo dos novos tipos de guerra é o mesmo da guerra irregular, ou seja, exaurir o inimigo busca desgastá-lo internamente, de tal modo, que com o correr do tempo, ele estará enfraquecido de tal forma, não só física como psicologicamente, que se mostrará incapaz de uma volição política. O objetivo central é a imobilização operacional do adversário. A imobilização do adversário, a sua perda de iniciativa, significa sempre,

numa guerra, o começo da vitória. Assim o é também na guerra assimétrica e na guerra híbrida.

Ao término de um novo tipo de guerra se tem muito mais uma vitória política do que uma vitória militar. Tanto a guerra assimétrica como a guerra híbrida é muito mais a guerra do político. Por isso, quem conduzir uma guerra do novo tipo deve procurar evitar testar diretamente o poder e buscar, ao invés disso, tirar a estabilidade, surpreender, exaurir o adversário, para desequilibrá-lo. O seu maior objetivo deve ser o de mitigar intelectual e moral, local e universalmente, o adversário.

## **LIDERANÇA**

Ninguém vence um inimigo mais forte pela força, mas, sim, devido a uma causa justa e através de uma liderança dedicada. Todo ato de guerra é um trabalho de equipe. Líder e liderados, planejadores e operadores, todos trabalham em conjunto. A ligação, entre comando e execução, é importantíssima. Respeito e reconhecimento geral do comandante são fundamentais para quem exerce a liderança. A guerra assimétrica e a guerra irregular são guerras da liderança democrática. Manter a todo custo disciplina é o objetivo maior do seu líder. Contudo, é como estrategista e como tático que o líder deve exercer o seu poder. É usando o tempo e o terreno e aproveitando as oportunidades que ele se consolida na liderança.

## **ESTRATÉGIA**

Os novos tipos de guerra se colocam como tipos de guerra praticados pela estratégia da ação indireta. Mas, os novos tipos de guerra, da mesma forma que a guerra irregular, não é o único meio para se conduzir uma estratégia de ação indireta. Tanto os novos tipos de guerra quanto à guerra irregular são sempre instrumentos de ação da estratégia indireta e pretendem

conseguir um efeito psicológico. Seus objetivos serão o de fazer os seus próprios objetivos políticos parecerem historicamente necessários, inevitáveis, e até mesmo, imprescindíveis, aos olhos do adversário.

A estratégia nos novos tipos de guerra, portanto, é sempre a estratégia de ação indireta. O que existe em termos de estratégia nos novos tipos de guerra são os mesmos princípios gerais de estratégia militar. Surpreender o inimigo, romper a continuidade de suas forças, atacar seus pontos fracos e contra-atacar, aproveitando o esforço do adversário, permanecem elementos válidos e metas a serem perseguidas na construção e no decorrer dos combates.

Os novos tipos de guerra apresentam um sentido claro para se desencadear as ações militares por parte dos militantes: as operações caminham daquelas desconhecidas e não dominadas pelos adversários, para aquelas em que eles são especialistas. Caminham da periferia para o centro. A luta pode surgir em qualquer espaço e a qualquer tempo. A liberdade para operar nestes tipos de guerra constrói a sua própria força. Liberdade vista aqui como liberdade sobre o espaço e sobre o tempo. A guerra irregular é a guerra do espaço amplo. A guerra assimétrica é a guerra do espaço ilimitado. A guerra híbrida é a guerra do espaço delimitado. Nas três, não existem frentes de combate. A retaguarda não existe para elas. Nas três, o poder de fogo é menos relevante que a mobilidade. São guerras de mobilidade. Nas três, o espaço não é mantido, nem ocupado. O espaço é contaminado. Mas a contaminação exige a presença do adversário. Em quase todas as condições, nesses três tipos de guerra, mais que a força, os determinantes últimos da vitória são o espaço e o tempo. O espaço e o tempo se materializam nos movimentos. Não são guerras de posição. São guerras de movimento e não de poder de fogo.

Dentre estes movimentos fundamentais são os movimentos de infiltração. Os

movimentos de infiltração são características centrais, tanto operacionais quanto táticas, dos três tipos de guerra. Nestes movimentos sempre estão presentes dois momentos: o de reunir e o de dispersar. Infiltração, reunião, ação e dispersão resumem um movimento destes tipos de guerra. As formas de infiltração diferem quanto à natureza e ao grau de conhecimento do terreno que os militantes possuem. A infiltração normalmente requer um terreno coberto que impeça não só a clara percepção como a rápida perseguição pelo inimigo. Uma área urbana grande pode ser um excelente espaço para infiltração. Florestas e zonas montanhosas se prestam muito bem a infiltrações. Em terrenos abertos as infiltrações devem se processar no escuro. A guerra assimétrica, portanto, não condiz com o agrupamento de forças. É uma guerra com um mínimo emprego da força buscando o máximo de efeito. Na verdade, é a organização do adversário que se busca destruir.

O sistema de montagem e desmontagem das bases operativas pode ser o sucesso para a condução de uma guerra assimétrica e de uma guerra híbrida em sua forma violenta. Grandes bases são sempre inadequadas. A descentralização operativa e a formação de pequenos grupos também estão na base dessa guerra. A guerra assimétrica bem como a guerra híbrida (no início de sua forma violenta), é feita com muitas pequenas unidades ou grupos de ação. Seus desfechos não decorrem de poucas grandes batalhas, mas sim, de muitas pequenas escaramuças. São guerras das sombras e seguem o princípio de que valem mais mil alfinetadas do que uma única estocada. Os novos tipos de guerra excluem a delimitação exata dos alvos ou de qualquer linha ou definição nítida de terreno.

Sabemos que toda arma tem um alvo adequado. A guerra assimétrica e a híbrida, na sua fase inicial da violência, não deve oferecer alvos a um dos lados e aproveitar qualquer oportunidade a ser aproveitada no outro. Em função disso, em um dos lados há muita dificuldade no emprego de

determinados tipos de armas militares e no outro há a ampla possibilidade de se empregar qualquer facilidade como arma.

A guerra irregular e os novos tipos de guerra diferem da guerra convencional, muito mais, nas formas de condução da guerra do que nas formas de emprego das forças. Todas as formas de guerra podem ser empregadas nessas guerras. A escolha do tipo de guerra faz sempre parte da estratégia do agressor. A escolha da forma da guerra também. Aduz-se a esta clara vantagem, outra, que é a possibilidade que ele tem, se mantiver a iniciativa, de mudar não só o tipo, mas, também, a forma da guerra. Cabe aqui colocar uma regra para o agressor na condução da luta que é a de fazer prevalecer a sua forma de guerra, que logicamente deve ser buscada naquelas formas que o adversário não espera e para as quais não está preparado. Quem tem a iniciativa determina a forma da guerra. A mudança da forma que se processa a guerra está na base da doutrina dos novos tipos de guerra e pode resultar no sucesso do desempenho de um ou dos dois lados ao longo do processo. O limiar nuclear, ou químico, ou biológico, pode decorrer dos resultados até então alcançados no desenrolar dos combates. Mas, neste ponto deve-se entender que uma forma de guerra pode servir a outra forma. Ou seja, há a possibilidade, exemplificando, do emprego da forma radiológica de natureza nuclear, ou da biológica de natureza bacteriológica, como instrumentos para o emprego da forma de guerra psicológica.

As guerras do tipo convencional e de destruição em massa buscam a imposição de uma vontade pela ação militar. As reações psicológicas decorrem da ação militar. A guerra de forma psicológica é normalmente derivada nestes tipos de guerra das outras formas de guerra.

### **OS NOVOS TIPOS DE GUERRA E AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS INFORMATIVAS**

As guerras do tipo irregular e as de novo tipo buscam a imposição de uma

vontade pela ação psicológica. As reações militares decorrem da ação psicológica. Nesses tipos de guerra a forma predominante é psicológica e todas as outras formas de guerra a ela se subordinam.

Em nenhuma outra forma de que guerra o elemento psicológico é tão nítido quanto na guerra irregular e nos seus sucedâneos os novos tipos de guerra. A guerra da forma psicológica tem grande importância nos novos tipos de guerra. Os novos tipos de guerra, assim como guerra irregular, são baseados, principalmente, na guerra de forma psicológica. Conspiram contra a moral do adversário. Devido a isto, entender a maneira de pensar e de sentir do inimigo é fundamental nos novos tipos de guerra assim como o é na guerra irregular.

Nos dois novos tipos de guerra, mais do que em qualquer outro tipo de guerra, o que se busca é exercer influência psicológica, por isso ela deve ser conduzida com meios psicológicos.

### **OPSINF**

A guerra psicológica tem de ser conduzida por operações psicoinformativas – Opsinf. Opsinf são fundamentais para entender os novos tipos de guerra. Guerra de forma psicológica é feita basicamente utilizando-se as Opsinf. São nas Opsinf que os novos tipos de guerra se sustentam. Durante todas as fases dos novos tipos de guerra, como acontece na guerra irregular, as Opsinf estarão presentes.

O plano de propaganda é peça importante para uma guerra, mas é peça fundamental para o detalhamento das Opsinf de uma guerra irregular ou de um dos dois dos novos tipos de guerra. Este plano deve conter a identificação dos instrumentos disponíveis, seus alvos setoriais, ou de áreas, a indicação dos seus caminhos, mas, principalmente, quais são os seus objetivos. A arte da propaganda consiste em colocar o êxito do inimigo como fracasso e o nosso fracasso como êxito.

Todavia, propaganda sozinha nada faz.

Quando falamos em Opsinf, estamos falando de um conceito revolucionário que está se transformando em elemento central nas ações políticas entre Estados Nacionais, nas ações de ataque e defesa que se processam tanto em época de paz quanto em época de guerra.

Opsinf são operações planejadas que envolvem várias ações para gerar e divulgar informações e indicadores específicos para audiências também específicas, com o propósito de influenciar suas emoções, seus fins, seus raciocínios objetivos e, por extensão, o comportamento de indivíduos, de grupos, organizações, coletividades e governos estrangeiros.

Opsinf devem ser encaradas como um princípio fundamental de orientação na nova situação mundial, em que a mediação da informação se faz cada vez mais presente, ora sozinha, ora ao lado da ciência e da ciência e do trabalho, no processamento da natureza. Num mundo que se diz globalizado, as Opsinf - por conta de sua natureza modeladora de imaginários e formuladores de opiniões em tempos de paz - estruturam um conjunto de instrumentos indispensáveis também à condução bem-sucedida de crises e conflitos, em escala local ou global.

Cada vez mais, o domínio do campo da percepção e do processamento criará condições para o direcionamento e o controle das ações. Estes espaços, da percepção e do processamento, são exatamente os da atuação essencial e excelente das Opsinf – cujos resultados reverberam e se refletem sobre o momento de ação.

### **Objetivo das Opsinf**

O objetivo das Opsinf é o de manter em um dado espaço (teatro de operações, espaço do conflito, país ou região, ou mundo) não só o domínio das informações, mas muito mais a administração das percepções com vistas à construção de

consensos para a estruturação e desestruturação de imaginários. Os objetivos das Opsinf são o de acordar ideias, ou de promover associações mentais, ou mexer com imaginários. Com as Opsinf busca-se formar quadros; difundir ideias, para mobilizar simpatizantes; e enfraquecer o poder do inimigo e sua vontade de resistir, diminuindo a sua fé na vitória.

### **Entendendo a Opsinf**

A guerra leva a muitos sacrifícios; o sacrifício da vida, o sacrifício da saúde, o sacrifício da liberdade e principalmente à privação das comodidades favoritas. As únicas pessoas que buscam um sacrifício de forma voluntária são aquelas que acreditam que existe um valor muito maior que o sacrifício, algo que para eles parece profundamente significativo. O estabelecimento de um valor transcendental é a base sobre a qual se estrutura todo e qualquer sacrifício.

Portanto, ao se engajar em um combate deve-se buscar lançar mão de todos os meios disponíveis para se estabelecer este valor transcendental. O objetivo de toda a ação psicológica deve ser o de procurar convencer cada cidadão de que ele deve se colocar a serviço deste valor transcendental que pode ser uma ideia, transfigurada numa formulação política, ou retratada num imaginário e que deve justificar todo sacrifício necessário.

Aqui está o armamento psicológico: na ideia e no seu valor, que são os pré-requisitos necessários para a condução bem sucedida de qualquer guerra. A formulação política ou o imaginário não apenas torna possível a cada indivíduo fazer sacrifícios, mas, também, agrega o valor do compromisso a quem nela acredita. Cria a comunidade e é essa comunidade que vai apresentar as pessoas que lutarão na guerra. Há uma importância enorme no conceito da comunidade e na ideia de camaradagem que este conceito traz.

Olhando os últimos duzentos anos de

história e desprezando a tradição colocada numa pessoa através da sua educação formal e familiar, as ideias que representam a motivação central dos participantes das últimas guerras estão reduzidas às ideias que derivavam de certa fórmula política que se impuseram, ou de ideias em cujo centro estava a conexão do indivíduo com um território em que nasceu ou, em outras palavras, com a sua terra natal, e com o discurso iluminista da liberdade.

As Opsinf dependem também dos discursos políticos e dos eventos militares. Elas visam tanto o público interno, como a mídia, como as sociedades amigas, neutras e inimigas. A Opsinf tem de se ajustar ao nível de audiência para o qual ela se dirige.

Os argumentos racionais e puramente lógicos, por mais corretos que se possam apresentar, raramente têm um efeito convincente e suficiente à mobilização. A emoção na Opsinf tem de ser dominante. Daí porque a Opsinf deve explorar e utilizar primordialmente os instrumentos e argumentos que mexem com a emoção.

O conflito, por sua vez, realimenta as ações derivadas dos princípios das Opsinf. A movimentação da informação será cada vez mais relevante em situações de conflito, podendo-se sobrepor até mesmo à movimentação de tropas ou de equipamentos nos espaços e antecedendo-a, necessariamente, no tempo. Para estas operações o tempo é um fator essencial. Incidentes, no mundo, são hoje comunicados em tempo real. Para tanto, faz-se necessário compreender as Opsinf como parte de uma política de Estado Maior, como reflexo e voz da vontade política de um Estado Nacional.

O ser humano se distingue de tudo que o cerca por dois atributos: razão e vontade. Opsinf podem levar a que a vontade altere a razão ou a razão altere a vontade, mas não que as duas se alterem concomitantemente, já que é o exercício de uma sobre a outra que caracteriza a operação.

## Tipos de Opsinf

Os imaginários se constituem de várias ideias e formas de ver o mundo que se organizam em torno de uma formulação principal. As Opsinf atuam sobre os imaginários. Existem três tipos de Opsinf:

1. A Opsinf destrutiva que desestrutura e destrói um imaginário,
2. A Opsinf construtiva que estrutura e constrói um imaginário e
3. A Opsinf subversiva que modifica um imaginário dissuade e atemoriza.

Identificar qual é esta formulação principal é o primeiro objetivo das Opsinf. Identificada esta formulação, o principal objetivo da Opsinf é tentar convencer o inimigo de que a formulação central que lhe serve de motivação é falsa, mentirosa, vazia de maior significação. Dá-se início então a uma Opsinf destrutiva. A Opsinf destrutiva objetiva abalar a vontade inimiga de defender a sua formulação principal que tem que ser colocada como utópica, como irrealista. Deve-se anunciar repetidamente a mutabilidade e a não reversibilidade de ditas e determinadas realidades e apelar à razão, ao senso da realidade, e à sobriedade das forças armadas adversárias ou de sua população, como um todo. O objetivo passa a ser de tornar claro ao inimigo que uma vitória da causa, porque ele luta, vai representar para ele, a repressão pelo menos de certas esferas da sua vida, subjugação e principalmente, pobreza.

Pode-se seguir, então, uma Opsinf construtiva visando passar para o inimigo uma nova formulação principal e seu entorno de ideias e forma de ver o mundo. Aí também o esforço se concentra em convencer o inimigo, que esta nova formulação é verdadeira e repleta de significados.

Por exemplo, quando essa formulação central do inimigo deriva de uma fórmula política, esta deve ser posta sob fogo

cruzado por uma Opsinf destrutiva e outra fórmula política deve ser posicionada por uma Opsinf construtiva, normalmente, em nome da liberdade.

Outro exemplo, se a formulação principal do inimigo se baseia nos conceitos de terra natal, o objetivo da Opsinf destrutiva deverá ser o de mostrar de maneira convincente como tais ideias, do ser nacional, da soberania são ideias destituídas de credibilidade, como são ideias vazias e ultrapassadas e que devem ser substituídas por outras ideias, que correspondem, neste instante, melhor a realidade e as necessidades da época. A Opsinf construtiva apresenta então as novas ideias que não é preciso acreditar nem praticar, pois não se encontra na formulação principal de quem a faz. Portanto, nestes casos, a montagem ou desmontagem de um conjunto de percepções que estruturam ou desestruturam um imaginário é o que se busca com as Opsinf.

A Opsinf subversiva objetiva atacar parte das certezas ou das ideias e formas de ver o mundo que o inimigo possui, ou, caso não seja possível destruir a formulação central do inimigo, abalá-la nos seus fundamentos, de forma a desestruturar o imaginário do inimigo.

Por exemplo, um objetivo de uma Opsinf subversiva pode ser o de apelar para a necessidade de se prover segurança às pessoas, principalmente, as pessoas que vivem nesse nosso tempo e se encontram nos países centrais, os mais civilizados. Para esse fim, deverão ser utilizadas todas as formas possíveis para ilustrar visualmente: seja por imagens, ou gráficos, os perigos à espreita de todos os soldados e cidadãos do inimigo. Isto numa guerra assimétrica terá mais êxito se vier acompanhado de operações terroristas.

Outro exemplo, o discurso da defesa da liberdade do inimigo numa guerra assimétrica deve ser combatido pelas Opsinf subversivas, de forma a acusá-lo, de forma convincente, de ter sido responsável

por uma onda de repressão, de qualquer tipo, já realizada ou pretendida, de modo que o próprio inimigo começa a questionar a veracidade do apelo a liberdade em que acreditava de forma irrefletida. O êxito será completo caso consiga-se condenar o adversário aos olhos do mundo e assim, em última análise, colocá-lo como imperial e totalitário ou, então, como vinculado a uma, senão a própria minoria racista, ou religiosa a ser sempre desacreditada.

A Opsinf subversiva também pode estar vinculada a um ato ou um conjunto de atos que buscam difundir no nosso lado a euforia e no inimigo o ceticismo, a emoção e o desespero, atemorizando-o e dissuadindo-o. Neste caso, a Opsinf necessita do sucesso. Um dos mais efetivos êxitos da Opsinf subversiva consiste em destacar a falta de êxito da propaganda adversária.

### **Munição das Opsinf.**

As Opsinf usam três munições para as suas diversas armas:

#### **palavras, músicas, e imagens.**

As palavras podem ser faladas ou escritas, abrangentes ou específicas, corretas ou falsificadas. As músicas podem ser de denúncia ou de exaltação. As imagens podem ser públicas ou restritas.

Como exemplo de palavras, podemos citar algumas que foram utilizadas nas Opsinf conduzidas para a venda da globalização para a periferia:

Por BOUTROS BOUTROS – GHALI, Secretário -Geral da ONU, 1992, no relatório *AN AGENDA FOR PEACE*:

*“os tempos da soberania absoluta e exclusiva, entretanto, já passaram. Essa teoria jamais se conformou à realidade”*

por ARNOLD TOYNBEE, historiador, em seu livro *“SURVIVING THE FUTURE*:

*“estamos nos aproximando do*

*momento em que a única escala efetiva de operações de alguma importância será a escala global. Os estados nacionais terão que ser privados de sua soberania e subordinados à soberania de um governo mundial global. Penso que esse estado mundial necessitará de uma polícia armada e deverá dispor de força suficiente para poder impor a paz... O povo de cada atual estado soberano independente terá de renunciar à soberania de seu país e subordinar-se à soberania suprema de um verdadeiro governo mundial global... Eu desejo ver um governo mundial estabelecido.”;*

Ou, por STROBE TALBOTT (C.F.R.) Vice-Secretário de Estado do Governo CLINTON, no artigo *“THE BIRTH OF THE GLOBAL NATION”*, TIME MAGAZINE (20.07.92),

*“todos os países são, basicamente, arranjos sociais... Não importa o quão permanente e até sagrados eles possam ter parecido em quaisquer tempos, pois de fato eles todos são artificiais e temporários... Talvez a soberania nacional não tenha sido, afinal de contas, uma ideia tão boa assim...”*

Como exemplo de música, poderíamos citar *IMAGINE* de JONH LENNON, utilizada como uma Opsinf ante estadunidense na Guerra do Vietnam:

*“...Imagine there’s no country it isn’t hard to do nothing to kill or die for*

*And no religion too Imagine all the people living life in peace...”*

As Opsinf devem sempre explorar a força que emana da repetição contínua das palavras, das músicas e das imagens.

O conjunto de palavras monta um discurso, mas este discurso pode não ser verdadeiro ou comprovado. Quando isto acontece se tem o boato, uma potente arma. O boato tem de ser crível e tem de se manter como boato, porque caso se transforme em mentira além de perder todo seu valor deprecia o seu emissor.

## Requerimentos da Opsinf

As Opsinf requerem pessoal qualificado, com complexa educação e peritas no conhecimento dos valores e da cultura dos meios em que pretendem atuar; devem ser proficientes no uso dos recursos de comunicação, inclusive os modernos recursos de infraestrutura da mídia. A equipe deve ser capaz de entender, por sua formação multidisciplinar de alto nível acadêmico, desde o imaginário coletivo até objetivos estratégicos, táticos e operacionais de cada ação. Seu interesse central deve trafegar por espaços vinculados à comunicação, à psicologia social, à antropologia cultural e à sociologia, tanto quanto os da área tecnológica e mesmo outros, articulando o conhecimento científico e metodológico decorrentes do estudo de culturas e aculturamentos, em especial para a formação e demolição de imaginários. Tudo isso torna a equipe capaz de integrar suas propostas e ações desde a estratégia nacional até o plano de campanha de um comandante.

As Opsinf têm de ter acesso aos dados de inteligência em todos os níveis. Devem ser acompanhadas em tempo real sendo contínuas e continuadas de forma a administrar fortuitos e surpresas, pois requerem, muitas das vezes, respostas prontas às mudanças comportamentais da ambiência onde se encaixem. O seu planejamento deve se inserir no planejamento maior do esforço pretendido e deve ser conduzido, como já foi colocado, observando as variáveis, tempo e espaço: sempre o mais cedo e no maior espaço possível.

Na guerra híbrida, a Opsinf mais relevante é a Opsinf midiática, aquela que é realizada por especialistas em guerra psicológica infiltrados na sociedade civil. Esses se aproveitam do meio midiático, televisão, internet, celulares, rádios e jornais e utilizam o emprego planejado da propaganda e da ação psicológica, para direcionar a conduta das pessoas. O alvo prioritário passa a não ser mais o terreno físico, mas o cérebro dos indivíduos, e o

objetivo final, a sua mente. As táticas e estratégias militares convencionais são substituídas por táticas e estratégias de controle social, mediante a manipulação informativa e a ação psicológica orientada para direcionar a conduta social. O politicamente correto se insere neste contexto. E o processo eleitoral também.

As Opsinf requerem a formatação e a manutenção de uma estrutura organizacional capaz de cooperar, de competir ou de conflitar em um ambiente de extraordinários desafios, gerindo a aquisição e operação de tecnologias modernas, a implantação de políticas e a delegação de ações especiais, em que a mídia é só um de seus elementos.

## REFERÊNCIAS

- COSTA, Nilder. As ONGs e a 'netwar'[on line]. Rio de Janeiro, 26 de março de 1999. Disponível em: <http://www.alerta.inf.br/Geral/938.html>.
- GATES, Robert M. A Balanced Strategy: Reprogramming the Pentagon for a New Age, Foreign Affairs 88, no.1 (January-February 2009).
- GERASIMOV, Valery, The Value of Science in Prediction, Military Industrial Kurier, (February 27, 2013).
- GUINDO, MARTINEZ e GONZÁLEZ, Manuel Garcia, Gabriel, Valera [La guerra híbrida](#), Documento de Trabajo del [Instituto Español de Estudios Estratégicos \(IEEE\)](#), Granada, 15 de febrero de 2015.
- HAMMES, Thomas X. The Sling and the Stone. On War in 21<sup>st</sup> Century. Minneapolis: Zenith Press, 2006.
- HOFFMAN, Frank, Conflict in 21<sup>st</sup> Century. The Rise of Hybrid Wars. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies, 2007 8.
- HUNTER, E., PERNIK, P: The Challenges of Hybrid Warfare. ICDS Analysis. 2014.
- ISSERSON. Georgil, The Evolution of Operational Art, Combat Studies Institute, 2016

KORYBKO, Andrew, Abordagem adaptativa pós-tudo da 'mudança de regime', *Oriental Review*

KILCULLEN, David. *The Accidental Guerrilla: Fighting Small Wars in the Midst of the Big One*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

TRINQUIER, Roger. *Modern Warfare, A French View of Counterinsurgency*. London: Pall Mall Press, 1964. VAN CREVELD, V. Martin. *The Transformation of War*. New York: Free Press, 1991.

[/www.defesanet.com.br/gj/noticia/23752/GUERRA-HIBRIDA--Nova-via-Violenta-para-a-Tomada-do-Poder/](http://www.defesanet.com.br/gj/noticia/23752/GUERRA-HIBRIDA--Nova-via-Violenta-para-a-Tomada-do-Poder/)

<http://www.defesanet.com.br/pensamento/noticia/12778/A-Guerra-em-Rede-Social-e-a-Situacao-Atual-no-Brasil-/>

[http://outraspalavras.net/brasil/o-brasil-no-epicentro-da-guerra-hibrida/-O\\_Brasil\\_no\\_epicentro\\_da\\_Guerra\\_Híbrida](http://outraspalavras.net/brasil/o-brasil-no-epicentro-da-guerra-hibrida/-O_Brasil_no_epicentro_da_Guerra_Híbrida) - Por Pepe Escobar